

Apresentação do texto *Acerca da minha concepção do Eu*, de Jean Laplanche¹

Luiz Carlos Tarelho², São Paulo

*O presente artigo busca resgatar o contexto, não apenas histórico, mas também teórico, no qual foi escrito o texto de Jean Laplanche intitulado *Acerca da minha concepção do Eu*. Ele destaca o caráter eminentemente didático do texto, escrito para fins de esclarecimento, e sublinha alguns pontos nevrálgicos tratados pelo autor, como é o caso da dupla derivação do Eu e da teoria do apoio. Além disso, procura inserir uma questão que se tornou polêmica, envolvendo a chamada “atividade tradutiva”, buscando elementos no texto para subsidiar essa discussão.*

Palavras-chaves: O Eu em Laplanche; Derivações do Eu; Teoria do apoio; Atividade tradutiva

¹ Primeira publicação no Brasil: Laplanche, J. (1996). A propósito de minha concepção do Ego. *Projecto Revista de Psicanálise*, Ano 5, n.6. Título original *À propos de ma conception du moi* (1990-91).

² Psicólogo e psicanalista. Doutorado em *Études Psychanalytiques - Université de Paris VII - Université Denis Diderot* e pós-doutorado pela Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Integrante do grupo de pesquisadores que integram a *Fondation Jean Laplanche*. Foi aluno de Jean Laplanche.

1. Considerações sobre o contexto

À propos de ma conception du moi constitui uma espécie de “notas”, divulgadas informalmente pelo próprio Laplanche em torno de 1990-91 no âmbito de seu Seminário ministrado na Université Denis-Diderot (Paris VII), ocasião em que frequentamos seus cursos. De natureza bastante sintética e despretensiosa, o objetivo era fornecer alguns esclarecimentos sobre o modo com que ele concebia o Eu, tendo em vista uma certa dificuldade apresentada, inclusive por seus próprios alunos, no sentido de entender a essência de seu pensamento sobre o assunto, algo que, muitas vezes, deu origem a confusões.

Nosso objetivo na presente apresentação não é o de realizar uma discussão dos pontos destacados por Laplanche, pois isso fugiria ao propósito em questão, que é o de situar este escrito no contexto no qual foi produzido. Não obstante, seria oportuno tecer algumas considerações capazes de ajudar a entender a importância de tornar público um texto que o próprio autor não chegou a publicar.

A primeira consideração que merece ser feita é de ordem metodológica. Esse texto é mais uma prova da incansável preocupação de Laplanche tanto com o rigor metodológico quanto com a precisão conceitual. Diante da dúvida ou da falta de clareza, o pensador, acostumado a produzir textos clássicos, não hesita em se propor a escrever uma espécie de nota de esclarecimento, como é o caso em questão. Contudo, trata-se de um esclarecimento importante na medida em que faz uma síntese de seu pensamento sobre o Eu, ao mesmo tempo em que deixa mais explícito seus pontos de vista e suas escolhas, como no que diz respeito à relação entre as derivações metonímica e metafórica do Eu.

2. A questão das derivações do Eu

Entre as questões abordadas no texto, destaca-se a relação entre a derivação metafórica e a derivação metonímica do Eu. Na verdade, essa é sem dúvida a mais polêmica, pois está na base de importantes escolhas teóricas das escolas de psicanálise. Laplanche sublinha que falou dessas duas derivações, em primeiro lugar, para analisar como elas aparecem na obra freudiana e, em segundo, para dizer justamente que não se pode concebê-las de modo separado, pois isso equivaleria a supor a existência de dois Eus existindo em paralelo, um de natureza identificatória (metafórico), marcado pela sexualidade, e outro de natureza adaptativa (metonímico), sede das funções superiores, como a racionalidade. Mas, por que não se pode fazer esta separação?

Sua resposta, derivada do próprio pensamento freudiano, é clara e categórica: de um lado, existe o fato de que, no ser humano, no início da vida, o instinto não possui força suficiente sequer para zelar pela manutenção da vida, tornando o bebê totalmente dependente do mundo adulto; de outro, existe o dado complementar a esse, que é o fato de que o mundo adulto, do qual a criança depende, está totalmente atravessado pela sexualidade, em seu sentido ampliado, pois ela invade tudo e é hegemônica em relação ao instinto autoconservativo. Como Laplanche (1996/2021) diz no próprio texto: as “funções de autoconservação” (p. 722) são desde muito cedo colonizadas pela sexualidade e, assim, são sexualizadas. Por isso, a constituição do Eu-instância envolve essas duas correntes, de uma forma mais ou menos complementar, embora a corrente do sexual exerça um papel dominante. O resultado de tal processo não é a diferenciação de duas instâncias, uma de natureza adaptativa e outra libidinal. Ao contrário, o que ocorre é que as funções ligadas ao Eu são submetidas ao regime do sexual, mesmo que mantenham suas raízes autoconservativas. Afinal, se é verdade que o funcionamento autoconservativo é muito precário e limitado, ele não teria produzido toda conquista humana sem o élan vindo da pulsão sexual, que não apenas coloca sob sua égide os mecanismos adaptativos e as funções cognitivas, mas também lhes tornam mais dinâmicas e lhes aportam, permitindo-lhes aportar os elementos de ligação deste domínio.

Portanto, o que fica claro na síntese que Laplanche faz de seu percurso sobre as duas derivações do Eu é que a diferenciação entre um *self* e um Eu carece totalmente de fundamento, pois é uma mesma instância que se forma na conjunção das duas correntes. A grande questão é saber, tal como ele formula explicitamente nesse texto, como ocorre tal conjunção na história de cada sujeito.

3. A teoria do apoio

Subjacente a essa discussão sobre a dupla derivação, encontra-se a questão do apoio. Para Freud, o apoio é concebido sobretudo em termos fisiológicos, pois a intervenção do adulto conta mais pela estimulação física das zonas erógenas durante os cuidados autoconservativos que ele dispensa à criança. Assim, essa estimulação viria a despertar a sexualidade na criança pela via dos cuidados, isto é, apoiada nessa intervenção no plano da autoconservação. Laplanche opera aí uma torção, dizendo que a verdade do apoio é a sedução³. Com isso, ele quer dizer que a sexualidade não é despertada, mas sim implantada pelo adulto. Em outras palavras, não é apenas a estimulação física que conta no caso, mas principalmente a fantasia do adulto, a qual

³ Isso se encontra bem sintetizado em seu livro *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*, de 1993.

existe somente do lado do adulto nesses cuidados iniciais. Daí a ideia introduzida por Laplanche, ao afirmar que os cuidados autoconservativos dispensados pelo adulto servem de “onda portadora” para a introdução da sexualidade, a qual, para ele, não é de origem biológica, mas faz parte de um terceiro domínio de realidade, envolvendo algo da mensagem, que é a intenção de comunicar sem ter um conteúdo, pois este foi de-significado pelo recalçamento.

4. O papel da atividade tradutiva

Em nossa opinião, a questão do apoio serve para se pensar também a polêmica em torno da assim chamada atividade tradutiva, que, apesar de não ser tratada nesse texto de síntese, merece ser aqui mencionada, pois está aí pressuposta. Embora Laplanche fale do apoio para explicar o surgimento da sexualidade, acreditamos que tal noção possa servir também para se pensar a constituição do próprio Eu, tendo como eixo a atividade tradutiva. Aliás, esses dois planos são inseparáveis, pois tanto a constituição do inconsciente quanto a constituição do Eu dependem da atividade tradutiva. Se é verdade que o sexual vem de fora, com a intervenção do adulto, como implantação, também é verdade que ele não se forma a partir de uma transposição direta e automática. O sexual do adulto chega à criança, normalmente, misturado com outros elementos do plano autoconservativo. Para se transformar em pulsão na criança, passa por um processo de metábole, através do qual uma parte dará origem ao Eu e outra, que foi de-significada, dará origem ao inconsciente sexual. Essa metábole envolve a capacidade da criança de lidar com códigos, algo que já existe, pelo menos de forma embrionária, em suas montagens instintivas.

Como se sabe, o modelo proposto por Laplanche é, deliberadamente, um modelo tradutivo. Esse é um dos grandes pontos que o diferenciam de Lacan, pois valoriza o protagonismo da criança no processo de constituição tanto do Eu quanto do inconsciente. No entanto, tal protagonismo, principalmente no início da existência individual, não alcançou consenso, inclusive entre os adeptos desse modelo. A dúvida central envolvendo esta questão é saber se a atividade tradutiva já faz parte das montagens biológicas instintivas (autoconservativas) ou se deriva do sexual ligado, que vem do mundo externo. Alguns, na esteira de Silvia Bleichmar, tendem a ver esta atividade como fruto da intervenção do mundo adulto, enquanto outros, mais ligados à própria intuição laplancheana, que chegou a falar de uma “pulsão tradutiva”, tendem a concebê-la como algo inerente às montagens hereditárias, que é despertada pelo enigma presente nas mensagens do adulto.

De acordo com a nossa interpretação, o texto que é objeto da presente apresentação, embora não trate diretamente desta questão, fornece elementos para se pensar em uma espécie de solução de compromisso, isto é, que entenda a constituição da atividade tradutiva como resultado da conjunção destas duas forças pela via do apoio: uma, de natureza autoconservativa, que já traz montagens instintivas que impulsionam o bebê a simbolizar, e outra, de natureza sexual, que vem do mundo adulto e faz parte do que se convencionou chamar de “auxílio à tradução”. Minha hipótese é que o desejo do adulto de que a criança torne-se não apenas um tradutor, mas também um autor, encontra-se apoiado em uma necessidade, comum entre o adulto e a criança e que envolve a atividade tradutiva, de que essa criança se torne um adulto.

A mesma solução resolve também a suposta aparente aporia presente nas formulações laplancheanas, que seria supor a existência de uma função do Eu funcionando antes da constituição deste último. Ora, a ideia de uma dupla derivação do Eu, metonímica e metafórica, parece resolver tal aporia. Mesmo que não se possa mantê-las separadas, como advoga o texto aqui apresentado, já que a sexualidade invade e toma conta, Laplanche supõe a existência de um momento inicial no processo de constituição do Eu, anterior ao recalçamento originário, no qual ele ainda não existe como instância (derivação metafórica, narcísica), mas onde algumas funções já estão em desenvolvimento, como a tradutiva, fazendo parte da derivação metonímica, que, na sequência, será dominada e comandada pela metafórica. Tal forma de se equacionar a questão pode ser extraída de um dos trechos desse texto, quando se lê que

O Eu, no movimento geral de sexualização do indivíduo humano, assume e dinamiza os mecanismos adaptativos do indivíduo biológico, estejam eles presentes desde o início ou se desenvolvam por maturação. O Eu lhes fornece também seus próprios elementos intrínsecos de ligação, culturalmente adquiridos ao longo de seu desenvolvimento (...) (Laplanche, 1996/2021, p. 3)

Acreditamos que a passagem acima pode ser entendida dentro do contexto por nós defendido, no qual tanto o Eu quanto a atividade tradutiva resultam da articulação destes dois planos, o autoconservativo e o sexual⁴. O que está em jogo com essa questão da atividade tradutiva, em nossa opinião, não é tanto o fato de saber se a criança já vem ao mundo com tal capacidade funcionando, pois isso

⁴ Ver a respeito o nosso artigo *Novas contribuições para a discussão sobre a atividade tradutiva da criança e seu protagonismo na constituição da tópica psíquica* (Tarelho, 2021).

requer um tempo, tanto de maturação das potencialidades biológicas quanto de absorção dos aportes do mundo adulto, mas sim se faz sentido supor que ela só aparece depois da constituição do Eu-instância, constituição que passa a depender, assim, exclusivamente da intervenção do adulto. Neste caso, estaríamos diante de uma verdadeira aporia, que é a de supor que a instância de auto-representação possa se formar sem envolver o protagonismo da criança no processo. □

Abstract

Presentation of the text *About my conception of the Self*, by Jean Laplanche

This article seeks to recreate the historical and theoretical context in which Jean Laplanche's essay entitled *About my conception of the Self* was written. The author stresses the eminently didactic nature of the text, written for clarification purposes, and highlights some key notions covered, such as the double derivation of the Self and the theory of support. In addition, the author introduces an issue that has become controversial, involving the so-called "translating activity", looking for elements in the text to support this discussion.

Keywords: The Self in Laplanche; Derivations of the Self; Theory of support; Translating activity

Resumen

Presentación del texto *Acerca de mi concepción del Yo*, de Jean Laplanche

Este artículo busca rescatar el contexto, no solo histórico, sino también teórico, en el que se redactó el texto de Jean Laplanche titulado *Acerca de mi concepción del Yo*. Él destaca el carácter eminentemente didáctico del texto, escrito con fines aclaratorios, y subraya algunos puntos clave tratados por el autor, como es el caso de la doble derivación del Yo y la teoría del apoyo. Además, busca insertar una cuestión que se ha vuelto polémica, que involucra la denominada "actividad traductiva", buscando elementos en el texto que sustenten esta discusión.

Palabras clave: El Yo en Laplanche; Derivaciones del Yo; Teoría del apoyo; Actividad traductiva

Referências

- Laplanche, J. (2021). *Acerca da minha concepção do Eu*. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28(3), 721-725. (Trabalho originalmente publicado em 1996). Recuperado de <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/laplanche>.
- Laplanche, J (1997). *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1993)
- Tarelho, L. C. (2021). Novas contribuições para a discussão sobre a atividade tradutiva da criança e seu protagonismo na constituição da tópica psíquica. *Calibán – Revista Latino-americana de Psicanálise*, 19(1-2), 124-139.

Recebido em 15/10/2021

Aceito em 17/11/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Ana Cristina Pandolfo**

Luiz Carlos Tarelho

Rua Marco Antônio Dias Batista, 35/93

05386-320 – São Paulo, SP – Brasil

lcarlostarelho@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA